

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Historiografia e temporalidade em Raízes do Brasil

William Amaral dos
Passos Rambo

Porto Alegre, 2015

Historiografia e temporalidade em Raízes do Brasil

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Temístocles Américo Corrêa Cezar

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Amaral dos Passos Rambo, William

Historiografia e temporalidade em Raízes do Brasil

William Amaral dos Passos Rambo. -- 2015.

42 f.

Orientador: Temístocles Américo Correa Cezar.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto

de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em

História, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Historiografia. 2. Temporalidade. 3. Sérgio Buarque de Holanda. 4. Raízes do Brasil.

Agradecimentos

Dizia um antigo filósofo que a gratidão é mãe das virtudes e a amizade é como um segundo eu. Um exercício difícil, este: afastar as sombras do egoísmo e perceber o quanto a presença dos outros é determinante. São o que há de mais importante em nós para o reconhecimento de nós mesmos. A trajetória desta pesquisa desse trabalho de conclusão de curso foi-se delineando muito em função da participação ativa de algumas pessoas, elas fizeram exercer sobre mim sua força e impulsionaram minha vontade e direcionaram meu caminho. Devo muito a elas, e aqui gostaria de manifestar meu sentimento de gratidão. A impressão mais funda que tenho dessa experiência que durante alguns meses da vida é relacionada à autocompreensão, fundamento sem o qual a própria compreensão histórica não faria muito sentido. Penso que essa volta pelo “mundo histórico” tenha me ensinado a me tornar mais humano, conhecedor de minhas limitações, fragilidades e, talvez, potencialidades.

Início nominalmente essa dedicação ao professor Temístocles Cezar cuja sabedoria, a liberdade como forma de confiança, e também a amizade foram fundamentais para que esse pequeno esboço de escrita tomasse forma. Agradeço a todos os professores com que convivi durante esses anos no curso de História e que ajudaram (embora não saibam) a colocar pequenos alicerces que se encontram no trabalho aqui apresentado. Uma dedicação especial aos professores: Mara Cristina, Francisco Marshall e Fabio Kuhn, aos quais durante as aulas que tive oportunidade de frequentar, sempre foram muito atenciosos comigo e de uma cordialidade impar.

Aos colegas de curso e que são tão numerosos, agradeço a todos que tive oportunidade de conhecer durante esses cinco anos. Em especial citarei o amigo Rafael Dall’ Agnol que desde o primeiro semestre do curso se tornou um companheiro de curso inseparável, e ao qual devo também parte desse trabalho. A colega e “titia” Loiret, que sempre com sua maestria e aquela sabedoria que só a existência é capaz de trazer, sempre foi um porto seguro para despejar minhas aflições durante o curso.

Por último agradeço a pessoa mais importante da minha vida ao qual eu agradeço desde o primeiro suspiro que dei ao nascer. Sem ela nem esse trabalho e muito menos o autor dele poderiam estar presentes. Um enorme beijo e um abraço fraterno a minha querida mãe: Eva Maria Amaral dos Passos.

Resumo

Investigar a noção de temporalidade no clássico ensaístico *Raízes do Brasil* é a proposta desse trabalho monográfico. Seguindo a abordagem da história dos conceitos e das categorias meta-histórica “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” temos como chave de leitura a relação entre passado, presente e futuro dentro da escrita ensaística de Sérgio Buarque de Holanda. A problemática está relacionada à compreensão da resposta que o autor proporciona em função das mudanças engendradas em seu tempo, entre as raízes ibéricas do passado, o processo modernizador presente e a abertura democrática para o futuro.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, temporalidade, historiografia.

Abstract

Investigate the notion of temporality in the classic essay *Roots of Brazil* is the purpose of this monograph. Following the approach of the history of concepts and meta-historical categories "space of experience" and "horizon of expectation" as a key to reading the relationship between past, present and future within the essayistic writing Sérgio Buarque de Holanda. The problem is related to understanding the answer that the author provides in line with changes engendered in his time, between the Iberian roots of the past, this process of modernization and democratic openness to the future.

Key Words: Sérgio Buarque de Holanda, *Brazil Roots*, temporality, historiography.

“O Brasil é que é o país do atraso. Ninguém precisa estar à frente do seu tempo para dar errado no Brasil. Basta estar no presente”.

[Carvalho, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das letras, 2013, p. 44].

“Quanto à historiografia, não há dúvida de que a demissão da inteligência, e direi também da imaginação- imaginação que escolhe, que simplifica, se necessário, e que recria- associada a uma exaltação do fato puro e mensurável, pode significar em certos casos um regresso”.

[HOLANDA, Sérgio Buarque de. Para uma nova história. *Folha da manhã*, São Paulo, 26 de julho de 1950.

SUMÁRIO

Agradecimentos	3
Resumo	5
Abstract	6
Introdução	10
CAPÍTULO I	
1.1 As raízes de <i>Raízes do Brasil</i>: crítica literária, militância modernista e viagem à Alemanha	13
1.2 Viagem à Alemanha: o historicismo de Sergio Buarque de Holanda	18
1.3 A escrita de Sérgio Buarque de Holanda	21
CAPÍTULO II	
2. <i>Raízes do Brasil</i>, um ensaio entre o passado e o presente: da herança ibérica ao homem cordial	24
2.2 O <i>homem cordial</i>, ser no tempo	28
CAPÍTULO III	
3. Superação das raízes ibéricas e abertura para o futuro: dos novos tempos à revolução democrática	30
Conclusão	36
Bibliografia	38

Introdução.

Em 1974, Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) escreveu um ensaio notável, que serviria de prefácio a uma coletânea de textos do mais conhecido nome da “escola histórica” alemã, Leopold von Ranke (1795-1886). Intitulado “O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke”¹, o texto serve como parâmetro para se pensar as filiações teórico-metodológicas de Sérgio Buarque de Holanda. Não apenas porque, por acaso, tenha sido o último trabalho publicado em vida, mas pelo conteúdo, amplo domínio da matéria, por expandir o estudo sobre Ranke e historicizá-lo nos embates da “Escola Histórica”, pelo elogio à “tradição fecunda e gloriosa do historicismo” e, principalmente, pela consonância entre o que entendia como a característica principal do historicismo e a sua própria concepção de história e prática historiográfica: a tradição espiritual representada por Leopold von Ranke “infensa, por sua própria natureza, a pretensões dogmáticas, pode renovar-se sem maiores dificuldades”. Dois anos após o lançamento, na Alemanha, do *Geschichtliche Grundbegriff*, organizado por Reinhart Koselleck (1923-2006), ao lado de Otto Bruner e Werner Conze, Sérgio Buarque não apenas o tinha adquirido e estudado, como faz dele uma resenha no final do ensaio sobre Ranke. O primeiro volume do *Léxico dos conceitos fundamentais da história*. A menção à história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*) de Koselleck não foi *en passant* ou por desejar exibir erudição e atualização. Antes disso, significava o reconhecimento de uma nova perspectiva. Sérgio Buarque animou-se com a história dos conceitos de Reinhart Koselleck. Sobre o “monumental” dicionário, disse que representava uma maneira de “remoçar, sem traí-lo, o espírito da ‘escola’ histórica alemã”. Já na revista *Veja* em uma entrevista concedida em 1976, Sérgio Buarque de Holanda comentava sobre o seu conceito de história: “A história não é prisão ao passado. Ela é mudança, é movimento, é transformação”.²

¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O atual e o inatual em Leopold Von Ranke”. IN: Holanda, Sérgio Buarque de. *O livro dos prefácios*. São Paulo: Cia das letras, 2000, pp. 162-218. O texto foi publicado, originalmente, como artigo na *Revista de História* da Universidade de São Paulo (USP), em 1974; em seguida, serviu de prefácio para a coletânea de textos de Leopold von Ranke, organizada pelo próprio Sérgio Buarque, para a coleção *Grandes Cientistas Sociais*, da Editora Ática, em 1979; por fim, foi publicado uma terceira vez no livro que reúne os prefácios escritos pelo historiador paulista durante sua trajetória intelectual. Não há alterações substanciais entre as diferentes publicações.

² HOLANDA, Sérgio Buarque. “A democracia é difícil. Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda” [1976]. In: RENATO, Martins. *Sérgio Buarque de Holanda entrevistas*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009, p. 84-93.

Assim, podemos notar também que já no seu livro de estreia, *Raízes do Brasil* (1936), a narrativa da obra está centrada sobre a questão da temporalidade, que articula passado, presente e futuro; ou na concepção de Sérgio Buarque, perscrutar no presente as persistências do passado em busca de uma sondagem do futuro. Na mesma entrevista, Sérgio Buarque evoca o filósofo Benedetto Croce (1866-1952), representante na Itália do idealismo hegeliano, e sua famosa e sempre atual expressão, segundo a qual “toda história é história contemporânea”³, para afirmar o iniludível enraizamento do pensamento histórico na realidade presente, assim como Croce, ao defender a história como pensamento e ação, diz que ela move-se “a partir da consciência presente do passado”. A noção de temporalidade é o tema central deste trabalho de conclusão de curso. *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, tributário das discussões do seu autor no movimento modernista (a partir de uma parcial ruptura com o modernismo, em que experiência histórica e a própria historicidade determinam sua singularidade no interior dos debates modernistas), tributário de suas leituras alemãs (desde antes da viagem de 1929, e depois, com o enraizamento no historicismo apreendido na terra de Goethe), apresenta-se no contexto brasileiro da década de 1930 como uma resposta aos impasses da modernização do país ou como uma interpretação capaz de subsidiar a orientação temporal sobre a profunda mudança histórica pela qual passava o Brasil naqueles anos. A discussão sobre o tempo estava na pauta do debate intelectual da época o que implicava repensar o estatuto da escrita da história, e que, forçosamente deve ter levado Sérgio Buarque a um questionamento do seu tempo. O ponto central desta tentativa de analisar as reconfigurações temporais em *Raízes do Brasil* é que a escrita ensaística é uma forma de tateio intelectual, que joga as ideias sem fazer grandes desdobramentos ou conclusões. Nesta modalidade de escrita ensaística escolhida por Sérgio Buarque de Holanda, a representação do passado é feita de uma forma sem linearidade narrativa e principalmente temporal. O discurso não obedece uma linha cronológica, deixando ao final o leitor com uma sensação de vertigem e até mesmo de desentendimento conceitual para com o ensaio.

Poder-se-ia dizer assim, que Sérgio Buarque faz uma “decomposição do tempo”.⁴ Para perseguir uma ideia, ele rompe a sequência da história, viaja no tempo, mistura épocas, mas a sua finalidade é que esta ruptura do tempo-linear seja necessária para resgatar as ordens

³ CROCE, B. *História como história da liberdade*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 29.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatay. (ORG.). *Um historiador nas fronteiras. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 65.

do sentido. Sergio Buarque constrói seu texto como uma série de possibilidades de interpretação do tempo, pois parece que sua escrita é uma sucessão de possibilidades, de como o passado subjulga o presente e tem desejo de moldar o futuro.

1. As raízes de *Raízes do Brasil*: crítica literária, militância modernista e viagem à Alemanha

O que mais nos distancia dos homens que vieram antes de nós é que tão sinceramente quanto nós procuramos exprimir os problemas que hoje nos preocupam com a divergência profunda dos pontos de vista. A obra de arte não exprime nunca uma atitude. Diante de cada questão que propõe um determinado momento é sempre possível a nós tomar um ponto de vista novo. O que desconcerta na atitude dos modernos é que as outras gerações não querem ou não podem se compenetrar de nossos pontos de vista, embora diferentes dos seus, sejam pelo menos tão legítimos. A questão se resume assim numa simples diferença de perspectiva. Todos antes de nós encararam o problema de uma arte brasileira, seguiram dois processos que hoje nos parecem, senão negativos, pelo menos ineficazes. Para uns a questão cifrava-se na criação de uma espécie de mitologia nacional, de uma lenda heroica á maneira das que possuíam outros povos. Não tardou que a tendência aparecesse artificial e falsa. A outra tentou inspirar-se em motivos brasileiros, mas salientou apenas o que havia de 'pitoresco' nesses motivos. Quer dizer: condenava-nos a ser estrangeiros dentro do Brasil. Trata-se, pois, neste momento, de transpor integralmente para o plano da criação artística o nosso 'estilo' nacional, o nosso sistema de duração, sem esquecer que os claros e sombras devem merecer os mesmos direitos.⁵

O trecho citado acima são as palavras do próprio Sérgio Buarque de Holanda, com apenas 22 anos de idade, concedidas em uma entrevista ao *Correio da Manhã*, em 19 de maio de 1925. Nesse trecho é possível notar a latente preocupação do então jovem Sérgio Buarque com a questão corrente da época, o “problema nacional brasileiro”. O movimento modernista, enquanto forma de consciência teria como finalidade responder essa questão. A verossimilhança da atribuição de supostas radicalidades discursivas e analíticas das páginas

⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque. “Modernismo não é escola, é estado de espírito”. IN: MARTINS, Renato. *Sérgio Buarque de Holanda- encontros*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azougue. 2009, pp. 18-19.

de *Raízes do Brasil*, se relacionam com a atitude francamente modernista que parece informar o pensamento do erudito historiador em seu livro de estreia. Em perspectiva, o que será ressaltado como elo entre a crítica literária e a militância modernista de Sérgio nos anos de 1920 e o seu livro *Raízes do Brasil* é que o ensaio de 1936 é tributário de profundas aflições que tem procedência em várias dimensões temáticas e técnicas da crítica literária e do modernismo, tanto o literário quanto no artístico. Na escrita de *Raízes do Brasil* está de forma explícita em sua composição, uma avaliação criteriosa de toda a geração modernista. No modernismo é que residem as origens da preocupação do jovem Sérgio Buarque e a matriz das ideias por ele defendidas, principalmente após 1924, quando passa a assumir uma postura de certa forma mais radical para com o movimento.

Em 1920 no seu trabalho de estreia na crítica literária, intitulado *Originalidade Literária*, Sérgio Buarque já demonstra uma profícua combinação de sofisticação analítica ao discorrer sobre a questão da “emancipação intelectual e política do Brasil”⁶. Assim observemos que a questão da necessidade de uma originalidade nacional já está posta desde seu primeiro artigo.⁷ Mais do que ser seu artigo de estreia na crítica literária, o artigo *Originalidade literária* é fundamental para marcar o início das preocupações subjacentes a *Raízes do Brasil*. Nesse artigo destaca-se a relação entre independência intelectual e política do Brasil, discutindo a originalidade literária (entraves que impossibilitavam que ela surgisse), a formação da nacionalidade e o americanismo. O que já está posto em *Originalidade Literária* é a questão da “incapacidade de se criar espontaneamente”⁸ uma verdadeira cultura brasileira. Ao se referir “a nossa literatura” Sérgio Buarque deixa claro já em 1920 o porquê de sermos “desterrados em nossa terra”.⁹ Enfim, *Originalidade literária* marca a estreia de Sérgio na crítica literária, mas mais do que isso, mostrava o jovem Sérgio Buarque (18 anos) um texto de crítica literária e história literária, coadunando já em 1920 as

⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque. Originalidade literária. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 37. [Originalidade literária, publicado originalmente em: *Correio Paulistano*, São Paulo, 22.4.1920].

⁷ “O Brasil há de ter uma literatura nacional, há de atingir, mais cedo ou mais tarde, a originalidade literária. A inspiração em assuntos nacionais, o respeito as nossas tradições e a submissão às vozes profundas da raça acelerarão esse resultado final” HOLANDA, Sérgio Buarque. Originalidade literária. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 37. [Originalidade literária, publicado originalmente em: *Correio Paulistano*, São Paulo, 22.4.1920].

⁸ HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936, p. 7. Sempre que possível dei preferência para as citações como estavam na obra, como é o caso de *Raízes do Brasil* em sua primeira edição de 1936 e que está em uma ortografia muito diferente do português atual.

⁹ *Op. Cit*, p. 3.

suas preocupações em relação: à literatura nacional, à história, política e a possibilidade de consumação de uma nacionalidade brasileira. Ainda em 1920, na seção de resenhas da *Revista do Brasil*, encontramos a resenha *Ariel* de autoria de Sérgio Buarque. Nessa resenha o autor encontra mote para dar continuidade as suas reflexões sobre “originalidade” e “emancipação intelectual e política do Brasil”. Em um tom próximo a *Originalidade literária*, Sérgio Buarque afirma que “só o desenvolvimento das qualidades naturais de um povo pode torna-lo feliz e próspero”.¹⁰ Em *Ariel*, o autor também chama atenção para a questão da “absorção da cultura” ao se referir ao “utilitarismo yankee” e a sua ameaça a “parasitar esta civilização já doentia e desidiosa”.¹¹ Aqui fica claro que já em 1920 a nossa herança ibérica já teria causado “estragos em demasia”¹² para que pudéssemos receber outra influencia cultural como a Norte Americana. Nesses textos aqui apresentados foi possível delinear algumas questões e ideias que se apresentam a Sérgio Buarque ainda na sua juventude e que serão posteriormente inseridas no seu livro de estreia, *Raízes do Brasil*.

Em 1924, no artigo intitulado “*O homem essencial*”, rompe com algumas tendências do movimento modernista. Ao tratar da obra de Graça Aranha, por exemplo, Sérgio Buarque estabelece uma distinção fundamental para se compreender dentro do mundo literário da época, a diferença entre a “literatura dos novos e o pensamento conservador brasileiro”.¹³ Para criar uma literatura verdadeiramente nacional era preciso recorrer às nossas mais profundas origens, e o modernismo foi buscar na arte primitiva, no folclore e na etnologia a essência do povo brasileiro, e Graça Aranha se constituía como peça fundamental para a “originalidade literária”¹⁴ do Brasil. Já em 1925 o autor de *Raízes do Brasil*, em resenha ao livro de Ronald Carvalho, faz duras críticas a alguns componentes do movimento

¹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque. “Ariel”. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 44. [“Ariel”, publicado originalmente em: *Revista do Brasil*, São Paulo, 23.5.1920].

¹¹ Ibidem.

¹² “Os privilégios hereditários, que, a bem dizer, jamais tiveram influencia muito decisiva nos paizes de estirpe ibérica, pelo menos não tão decisiva e profunda [...] A frouxidão da estrutura social, á falta de hierarchia organizada devem-se alguns dos episodios singulares da historia das nações hispanicas, incluindo se nellas Portugal e o Brasil” IN: HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936, p. 6.

¹³ HOLANDA, Sérgio B. Um homem essencial. *Revista Estética*, Rio de Janeiro, l: 29-36, setembro de 1924.

¹⁴ “Não sei se terei insistido suficientemente na importância da contribuição de Graça Aranha para essa maior afirmação da nossa individualidade nacional, de uma maior intimidade que o ‘espírito moderno’ já tenta efetuar entre a nossa raça e nosso meio cósmico” IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de; PRADO, Antonio Arnoni (ORG.). *O espírito e a letra. Estudos de crítica literária (1920-1949)*. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 185.

modernistas.¹⁵ Percebe-se, além da visão crítica reclamada pelo jovem Sérgio Buarque, a rezinga em favor da releitura crítica do passado nacional, como dizíamos de “Originalidade Literária”. Do radicalismo da semana de 1922 saem algumas das bases que deram origem ao clássico *Raízes do Brasil*. Sérgio Buarque era um crítico radical da cultura periférica no Brasil, ou seja, da suposta incapacidade de “ criar por contra própria, um substitutivo adequado, capaz de superar os efeitos de nossa natural, inquieta e desordenada herança”.¹⁶ Em 1926, no artigo intitulado, *O lado oposto e outros lados*, Sérgio Buarque marca a ruptura definitiva com alguns próceres do Movimento Modernista.¹⁷ Segundo Francisco de Assis Barbosa, Sérgio Buarque estava “desiludido como o movimento modernista e com a vida intelectual que lhe parecia sem sentido”.¹⁸ Segundo Prudente de Moraes Neto, grande amigo de Sérgio Buarque, em *O lado oposto e outros lados* o amigo tinha como finalidade denunciar “certas fraquezas do modernismo”, pois se afinal esse pretendesse ser “um movimento de revisão cultural e uma reformulação da visão de mundo, considerava uma espécie de condescendência, por alguns próceres do modernismo terem atitudes e realizações não condizentes com a agenda modernista”.¹⁹ Em *O lado oposto e outros lados*, Sérgio Buarque retoma a questão da “originalidade literária”, pois nota-se que ao utilizar as expressões, “arte de expressão nacional”, “um pensamento que enfim traduzisse os anseios da literatura

¹⁵ “Daí o resumir-se seu livro em *simples esboços históricos* da nossa vida social e artística, sem maior vantagem para quem, como nós, tem tantos historiadores e *tão pouca história*. O que nos falta um pouco de espírito crítico falta também ao livro, que não consegue sequer colocar homens e fatos à vontade nos seus lugares. Sobre nossa nacionalidade, sobre nossas letras, sobre nossas artes, nada que já não tenha sido dito. E todos esses assuntos estão exigindo revisão urgente. Seria necessário estudá-los com espírito novo, ousado, irreverente, sem a menor preocupação com o que escreveram Rocha Pombo ou Sílvio Romero” IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de; PRADO, Antonio Arnoni (ORG.). *O espírito e a letra. Estudos de crítica literária (1920-1949)*. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 204.

¹⁶ HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936, p. 15.

¹⁷ “É indispensável para esse efeito romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as políticas literárias e conquistar uma profunda sinceridade para com os outros e para consigo mesmo. A convicção dessa urgência foi para mim a melhor conquista até hoje do movimento que chamamos de ‘modernismo’. Foi ela que nos permitiu a intuição de que carecemos, sob pena de morte, de procurar uma arte de expressão nacional” HOLANDA, Sérgio Buarque. *Lados opostos e outros lados*. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 85. [“Lados opostos e outros lados”, publicado originalmente em: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11.07. 1926].

¹⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. “Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*”. IN: NOGUEIRA, Arlinda Rocha (ORG.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Ed Secretaria de Estado da Cultura/ EDUSP, 1988, p. 40.

¹⁹ Entrevista de Prudente de Moraes Neto. “A literatura está sendo substituída por outras formas de expressão”. IN: MARTINS, Renato. *Sérgio Buarque de Holanda- encontros*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azougue. 2009, pp. 24-25.

nacional”.²⁰ Segundo Robert Wegner, em *O Lado oposto e outros lados* Sérgio Buarque faz uma duríssima crítica ao movimento modernista e fazendo dos seus antigos amigos, novos inimigos, pelo menos no que tange ao movimento modernista. Para Robert Wegner, Sérgio Buarque colocava que o Brasil,

necessitava era dar vazão a sua espontaneidade, maneira pela qual poderia alcançar uma modernidade particular, diferente da europeia. Era preciso escutar a tradição, não educá-la. Oswald de Andrade seria o principal representante dessa visão. O primitivismo de Oswald de Andrade, era o que sondava “o momento presente do passado”, o que “agora continua a viver”, criando talvez um novo tempo verbal, o presente do passado.²¹

O primeiro elo a ser ressaltado entre o ensaio de 1936 e a militância modernista de Sérgio Buarque será a aversão do autor a qualquer forma de importação de conceitos e sistemas doutrinários que sejam desarticulados com a realidade brasileira. No seu artigo de estreia em 1920, publicado no *Correio Paulistano* e intitulado *Originalidade literária*, com apenas 18 anos Sérgio Buarque já demarcaria um dos seus principais argumentos que o acompanhariam durante toda sua vida. Ao falar da “emancipação intelectual” tão necessária ao Brasil. O nível de reflexão sobre a história do Brasil e seu conhecimento na crítica literária já são evidentes desde as primeiras palavras, principalmente ao versar sobre uma literatura nacional autêntica. Ao iniciar o artigo *Originalidade literária* Sérgio Buarque atenta para uma relação de atraso entre a emancipação política e a emancipação intelectual do Brasil; para justificar seu argumento, Sérgio Buarque se utiliza de Silvio Romero (1851-1914), onde para ambos a “nacionalidade é um fator muito mais psicológico, interno e íntimo do que uma formalidade estrangeira”²². O eco dessa formulação escrita em 1920 reverbera também em *Raízes do Brasil*:

Podemos ensaiar a organização da nossa desordem segundo schemas sabios e de virtude provada, mas ha de restar um mundo de essencias mais intimas que, esse, permanecerá sempre intacto, irreduzível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso proprio rythmo esponteneo [...].²³

²⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque. “Lado oposto e outros lados”. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, pp. 87-88. [Lados opostos e outros lados, publicado originalmente em: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11.07. 1926]

²¹ CORDEIRO, Rogério (ORG.). *Crítica literária brasileira em perspectiva*. São Paulo: Ateliê editorial, 2013, p. 153.

²² HOLANDA, Sérgio Buarque. “Originalidade literária”. IN: BARBOSA, Francisco de Assis. (ORG.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Rocco, 1988, p. 41.

²³ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 161.

O historiador de tradição modernista recusa as interpretações vigentes ao afirmar que não se tratava tão - somente de aferir os êxitos e fracassos da tentativa de transplantar uma nova cultura ao Brasil, e sim de “*investigar até que ponto podemos alimentar no nosso ambiente um tipo próprio de cultura, formas de convívio e a visão do mundo de que somos herdeiros e de que nos orgulhamos*”²⁴. O diagnóstico de atraso e desordem que ainda permeiam *Raízes do Brasil* em 1936, tem suas raízes colocadas a partir do ano de 1924, quando se deu início ao que se chama *segundo tempo modernista*. Segundo Eduardo Jardim o próprio contexto cultural do movimento modernista apresenta o tempo como uma questão fundamental:

a constituição de uma teoria da temporalidade da vida nacional vai possibilitar a reavaliação da situação de ‘atraso’ do contexto nacional. Ela vai também fornecer as bases da definição de um tempo da modernização próprio da brasilidade.²⁵

A visão de “atraso” do relógio brasileiro em relação ao concerto internacional é uma das principais características do modernismo. Segundo Eduardo Jardim, os “retratos do Brasil”²⁶ apresentam durante os anos de 1920-1930 um duplo papel. Por um lado eles exercem a função de crítica da cultura e a inadequação dos saberes vigentes no Brasil; e por outro lado, procuram encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito e do caráter do povo brasileiro.

Assim, o presente para os modernistas era considerado uma impressão fugaz, onde ocorria uma superposição de experiências vividas que confluíam no momento em que viviam e escreviam suas obras. O que se revela então é que Sergio Buarque permanecia sintonizado com as discussões acerca da nossa *brasilidade*. Nesse ponto é que notamos em *Raízes do Brasil* o seu anseio modernista evidencia-se na tentativa de redescoberta do Brasil e na persistente busca de entendimento das razões da especificidade de nosso relacionamento com a modernidade, bem como dos obstáculos que se contrapunham à sua realização.

²⁴ Ibidem.

²⁵ MORAES, E. J. Modernismo revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, p. 238.

²⁶ Ibidem.

A busca de entendimento das razões que explicariam o abismo que nos distanciava e distinguia da modernidade europeia aprofundou-se durante o seu período de permanência em Berlim.²⁷

1.2 Viagem à Alemanha: o historicismo de Sérgio Buarque de Holanda

*Como vencer o prestígio de um modo de ser e de pensar que me são naturais? Como suprimir o enorme legado de uma gente diversa e de um clima longínquo a fim de compreender um mundo quase inédito para mim? Não sei se tenho forças para levar a cabo o propósito audacioso de lançar fora todo aquele fardo e atingir sem preconceitos e sem defesa estas terras do Norte. Seria preciso alcançar a virtude admirável do silêncio, tão difícil entre os povos de estilo latino, amigos de criticar e de sorrir.*²⁸

Após o período de intenso fervor e discussão no meio modernista, Sérgio Buarque resolve abandonar as suas atividades na cidade do Rio de Janeiro e rumar para a Alemanha.²⁹ O trecho citado acima faz referência ao primeiro artigo de Sérgio Buarque já no país europeu. No trecho podemos notar a aclimatação de Sérgio ao novo país e ao embate cultural e social em um país estrangeiro causando uma ruptura na visão de Sérgio sobre sua perspectiva para o Brasil:

Quando estamos em um país estrangeiro vemos nosso próprio país com mais interesse, reparamos na diferença, no choque. Certa vez o historiador americano Lewis Hanke me disse que para escrever um livro sobre um país novo bastaria ter vivido nele por três meses. Depois disso o contraste vai se perdendo. Digo isso para mostrar como, do estrangeiro, vemos o Brasil de outra maneira.³⁰

²⁷ Em 1929, Sérgio Buarque foi designado por Assis Chateaubriand para ser correspondente dos *Diários Associados em Berlim*, traduzindo as matérias sobre Brasil publicadas na Alemanha.

²⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. "Através da Alemanha". In: BABOSA, Francisco de Assis (Org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1989, p. 130. [publicado originalmente em: O Jornal, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1929].

²⁹ Deve-se dizer também que Sérgio Buarque teve uma rápida passagem pelo Espírito Santo. Cf. HOLANDA, S. B. *Notas do Espírito Santo [1927]*. In: *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 90.

³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque. "Corpo e alma do Brasil". In: MARTINS, Renato (Org.). *Sérgio Buarque. Encontros*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azogue, 2009, p. 181.

Sérgio Buarque fora mandando à Alemanha por Assis Chateaubriand para fazer uma série de viagens aos países do leste europeu a fim de enviar notícias e artigos sobre a difusão do comunismo e o socialismo em alguns países. A estadia de Sérgio Buarque na Alemanha lhe causou um forte abalo na percepção de modernidade ao acompanhar o ressurgimento da Alemanha no pós- Primeira Guerra Mundial. E um seu primeiro artigo para a *Revista Duco* em 1929, intitulado *Em lugar de qualquer prefácio*, Sérgio Buarque faz um incipiente método comparativo entre a modernização brasileira e a alemã, e afirma que *nada é mais importante que a mudança*³¹, e que isso se aplica tanto ao Brasil quanto à Alemanha. Nesse artigo de 1929 é possível perceber assim como em *Originalidade Literária* o relativismo cultural e focalizar a ação transformadora do tempo, com uma visão para o passado e excessivamente preocupado com as forças de permanência e conservação. Esta seria mais tarde a perspectiva historiográfica sobre a qual se alinharia, como num fio narrativo condutor, a interpretação das “raízes brasileiras” em seu “estudo compreensivo”.

A ancoragem de Sérgio Buarque como historiador deve-se muito a sua estadia na Alemanha, mais precisamente aos estudos do historicismo alemão e à hermenêutica. Entre o que se pode destacar do papel da hermenêutica em Sérgio Buarque são: a narrativa na teoria e prática do historiador, o sentido do passado, observações atentas às mudanças histórico-sociais, as múltiplas temporalidades. Podemos considerar desse modo, que a obra historiográfica de Sérgio Buarque de Holanda leva a marca da hermenêutica, tendo como ponto de partida o conhecimento profundo das fontes e da tipologia. Em uma entrevista concedida ao historiador Richard Graham em 1981, Sérgio Buarque resumiu as influências e leituras que fez durante seu período na Alemanha, tendo talvez como principal influência em *Raízes do Brasil* as suas leituras de Max Weber, ao qual extraiu o conceito de tipos-ideais e ajudou o autor a formular tanto o binômio sementeiro/ladrilhador, quanto a sua teoria de homem cordial, como o tipo-ideal weberiano para definir o povo brasileiro:

³¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. Em lugar de qualquer prefácio. In: COSTA, Marcos (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda- escritos coligidos (1920-1949)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 27. [Originalmente publicado em: *Revista Duco*, Berlin, setembro de 1929]. Ao se utilizar de palavras como: “povo alemão”, “vida alemã” e “singularidade cultural”, acaba por remeter ao primeiro artigo publicado por Sérgio Buarque em 1920, pela revista *Correios Paulista*, quando trata da ausência de uma “literatura nacional original” e da falta de formação de um “espírito mais nacional”. Holanda, Sérgio Buarque de. *Originalidade literária. Correio Paulistano*, São Paulo. 1920. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1989, p. 41. A questão cultural será um dos eixos centrais de *Raízes do Brasil*: “Antes de investigar até que ponto podemos alimentar em nosso ambiente um tipo próprio de cultura, cumpriria averiguar até onde representamos nele as formas de vida, as instituições e a visão de mundo de que somos herdeiros e de que nos orgulhamos”. In: HOLANDA, Sérgio B de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936, p. 3

Foi quando Chateaubriand propôs que eu fosse para a Alemanha para *O Jornal*. O plano era que eu fosse à Polônia e à Rússia, mas achei o frio na Polônia muito ruim e decidi ficar em Berlim. Aí fui mais tarde contratado para trabalhar numa revista bilíngue, teuto-brasileira, sobre relações comerciais. Também traduzi *scripts* de filmes, inclusive *Anjo Azul*, de Marlene Dietrich. [...] Em Berlim, assisti muito assistematicamente a conferências de Friedrich Meinecke. Ele sugeriu novos caminhos. Li Ernst Kantorowicz, Wilhelm Dilthey, sobre Frederico III, e então Sombart e, através de Sombart, cheguei a Weber. Ainda tenho, aqui nas minhas estantes, obras de Weber que comprei naquela época.³²

Nesse trecho podemos ter certeza que a passagem de Sérgio Buarque de Holanda como correspondente do *O Jornal* na Alemanha durante o período de 1929-1931 foi importante para a maturação e formação de Sérgio como historiador, ao trazer da Europa uma bagagem intelectual muito frutífera e que o acompanharia durante toda sua escrita, desde *Raízes do Brasil* à *Do Império a República*.³³

1.3 A escrita de Sérgio Buarque de Holanda

Antes de iniciar a análise propriamente sobre as temporalidades em *Raízes do Brasil*, vale deter-se um pouco sobre o processo de escrita característico não só de Sérgio Buarque, mas também do período em questão, os anos 30 do século XX. Sérgio Buarque é um dos sustentáculos do que se designou chamar de “intérpretes do Brasil”. Gênero de escrita marcado pelo estilo ensaístico, assim o gênero ensaístico, segundo Antonio Candido foi uma característica do final do século XIX até o final da década de 1930, tendo muito mais “uma perspectiva literária do que uma perspectiva de pesquisa e rigor científico sobre o Brasil”.³⁴ Assim o gênero ensaístico era um composto de várias áreas de estudo: crítica literária, história literatura e sociologia. Segundo o historiador Fernando Nicolazzi, a escrita da história nesse período era marcada por uma “amalgama de distintas temporalidades, que caracterizavam o

³² HOLANDA, S. B. “Todo historiador precisa ser bom escritor – Entrevista a Richard Graham” [1982]. In: MARTINS, Renato. *Sérgio Buarque de Holanda: Entrevistas*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009, p. 197.

³³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Do Império à República* [1972]. 4.ed. São Paulo: Difel, 1985. (História Geral da Civilização Brasileira, t.II, v.2). Para uma visão historiográfica e hermenêutica de *Do Império a República*. Cf. ASSIS, Arthur. “A teoria da história como hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda”. *Rev. Brasileira de História*. vol.30 no.59 São Paulo Junho, 2010.

³⁴ CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010, p. 136-138.

período de 1930.”³⁵ No caso de Sérgio Buarque de Holanda a compreensão dessa simultaneidade de estratos temporais (passado, presente e futuro) foi o grande entusiasmo da forma que Sérgio Buarque desenvolveu a narrativa de *Raízes do Brasil*. Segundo o sociólogo e especialista em Sérgio Buarque, Robert Wegner, a escrita de *Raízes do Brasil* e feita por uma constante oscilação:

Ao contrário de constituir uma narração do suplantar da tradição e do alvorecer e consolidar do moderno no país – ou da substituição da cordialidade pela civilidade – o ensaio é constituído por uma constante oscilação entre o olhar para trás, enxergando a tradição viva, e o olhar para a frente, apontando as virtualidades da modernização.³⁶

Essa tese de Robert Wegner ajuda no processo de historicização de *Raízes do Brasil* e partilhando de uma característica da época, a simultaneidade de estratos do tempo³⁷. Assim, faz-se primordial para a inteligibilidade de *Raízes do Brasil* compreender a dinâmica temporal que enseja a narrativa buarqueana, através de dois polos distintos, o espaço de experiência e o horizonte de expectativa.³⁸ A carga do passado colonial brasileiro ainda era tão viva e presente que a tradição que nos foi herdada de Portugal ainda fazia seu efeito:

Sobre territorio que, povoado com a mesma densidade da Bélgica, chegaria a comportar um numero de habitantes igual ao da população actual do globo, vivemos uma experiencia sem símile. Trazendo de paizes distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão do mundo e timbrando em manter tudo isso em um ambiente muitas vezes desfavoravel e hostil, *somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra*.³⁹

Já no primeiro parágrafo de seu clássico ensaio, Sérgio Buarque dá o tom de *descompasso* entre a modernização necessária ao Brasil e as raízes ibéricas que herdamos da

³⁵ NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011; NICOLAZZI, F. *Ordem do tempo e escrita da história: considerações sobre o ensaio histórico no Brasil*. Mimeo, 2008. p. 5.

³⁶ WEGNER, R. “Um ensaio entre o passado e o futuro”. In: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa 70 anos. Orgs. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 337.

³⁷ Nicolazzi defende que o ensaio histórico no Brasil, além do que diz Antonio Candido sobre a relação entre as culturas literária, sociológica ou histórica e das ciências naturais, representa “o esforço de sistematização de uma realidade histórica ou, nos termos antes colocados, de (re)ordenamento da experiência do tempo (não se resumindo à simples concatenação dos fatos em períodos), mesmo que sem uma atenção detida em relação ao método crítico historiográfico”. Cf. NICOLAZZI, Fernando. *Ordem do tempo e escrita da história. Considerações sobre o ensaio histórico no Brasil, 1870-1940*, mimeo, 2008, p. 27.

³⁸ KOSELLECK, R. *futuro passado: contribuição á semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC/Contraponto, 2006.

³⁹ Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 3. [grifo meu].

colonização portuguesa, daí que decorre de nós “*vivermos uma experiência sem símile*”⁴⁰ ao sermos “*o único esforço em larga escala, de transplantação da cultura europeia para uma zona de clima tropical e sub-tropical*”.⁴¹ Segundo Maria Odila, o método historicista fascinou Sérgio Buarque durante sua estadia na Alemanha, propiciando à Sérgio:

[...] uma visão renovadora do passado, sem peias e sem amarras. Entusiasmado-se pela temporalidade, o processo de vir- a- ser dos fenômenos sociais [...] Não se tratava para ele, pensador independente, de adotar uma escola, mas um certo tipo de mentalidade que lhe possibilitasse construir o próprio caminho de historiador, voltado para as necessidades do seu país e desejoso de ver superadas as sobrevivências arcaicas que dificultavam a modernidade brasileira.⁴²

Focalizar as ações transformadoras do tempo pareceu sempre uma alternativa muito atraente a Sérgio Buarque, sempre com uma visão ao passado não como fulcro inspirador, mas sim ver o passado como uma amarra ao trabalho do historiador.⁴³ Essa máxima de que o passado só serve ao historiador para que se possa libertar-se dele, tem a ver com a influência do filósofo da história italiano, Benedetto Croce, ao afirmar que as exigências práticas que subjazem a todo juízo histórico dão a toda história o caráter de “história contemporânea”, pois por mais remotos que sejam os acontecimento aí relatados, a “história se refere às necessidades presentes e às situações presentes em que esses acontecimentos vibram”⁴⁴. Para B. Croce, a obra histórica deve ser assim analisada em função das necessidades da vida prática do historiador, portanto do tempo presente ao qual ele está imerso.⁴⁵

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Ibidem.

⁴² SILVA, Maria Odila, L da. “Buarque de Holanda, historiador”. In: IDEM (ORG.). *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Atica, 1985, p. 10-11.

⁴³ Cf. “Esta espécie de Taumaturgia não pertence, em verdade, ao ofício do historiador, assim como não lhe pertence o querer erigir altares para o culto do Passado, desse passado posto no singular, que é palavra santa, mas oca. Se houvesse necessidade de forçar algum símile, eu oporia aqui à figura do taumaturgo a do exorcista. Não sem pedantismo, mas com um bom grão de verdade, diria efetivamente que uma das missões do historiador, desde que se interesse nas coisas do seu tempo – mas em caso contrário ainda se pode chamar historiador? –, consiste em procurar afugentar do presente os demônios da história. Quer isto dizer, em outras palavras, que a lúcida inteligência das coisas idas ensina que não podemos voltar atrás e nem há como pretender ir buscar no passado o bom remédio para as misérias do momento que corre”. IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 2010, p. 21-22.

⁴⁴ CROCE, Benedetto. *História como história da liberdade*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2006, p. 29.

⁴⁵ *Op. Cit.* p. 30.

2. Raízes do Brasil, um ensaio entre o passado e o presente: da herança ibérica ao homem cordial.

Historiador ao menos por inclinação intelectual e também por profissão, tenho sido muitas vezes indagado acerca do paradoxo que haveria de no estimar-se e apropriar-se com o mesmo fervor as manifestações artísticas – e não somente artísticas- do passado e as do presente. [...] Minha resposta inevitável é de que não existe um tal paradoxo, pois, para o verdadeiro historiador, as duas tendências não se contradizem, antes se entrelaçam e se completam. A evocação dos tempos idos reclama sem dúvidas um sentimento vivo daqueles tempos, bastante vivo para criar entre o observador e o observado, entre o historiador e o objeto da história, essa corrente de simpatia que há de animar toda verdadeira compreensão. Mas o sentimento que comandará a inteligência e boa interpretação do passado é por isso mesmo, sereno e inclusivo. Fixando determinada era, ele não cuida de destacá-la das demais, em particular da era presente, para coloca-la sobre um pedestal perene. Busca, ao contrario, situa-la na corrente móvel dos acontecimentos, inseri-la no curso da história, justamente da historia que se alimenta das diversidades dos tempos e das coisas.⁴⁶

⁴⁶ COSTA, Marcos (ORG.). *Para uma nova história. Textos de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004, p. 102. [Holanda, Sérgio Buarque de. O Senso do passado. *Diário carioca*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1952].

O proeminente historiador alemão, Reinhart Koselleck em seu livro *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* que nos servirá como norteador para a discussão da temporalidade em *Raízes do Brasil*. Em *Futuro Passado*, Koselleck enfatiza as especificidades da experiência histórica moderna e o novo conceito de história, que a partir do século XVIII (Revolução Francesa) fará oposição à experiência histórica antiga (*magistra vitae*); R. Koselleck faz essa operação no seu livro tendo como finalidade a operacionalização de dois conceitos que são fundamentais para se pensar e interpretar os movimentos de conceitos na escrita da história. O primeiro conceito, definido como “espaço de experiência” ou como R. Koselleck define “a experiência é o passado tornado atual”⁴⁷, em uma perspectiva de que no presente se situa simultaneamente o passado, e que não somente conservado na memória, mas que também ainda possui seus efeitos no cotidiano. Como muito bem salientou o historiador Fernando Nicolazzi ao falar sobre o presente para os ensaístas brasileiros durante as décadas de 1920-30:

O presente é algo fugidio, instantâneo, que mais do que apartar, por um corte abrupto, o passado do futuro, constitui-se como uma *justaposição desordenada das experiências vividas, sedimentadas de uma maneira caótica e sem sentido*.⁴⁸

Nesse sentido, os autores do período ensaístico no Brasil reconstróem suas narrativas ao passado brasileiro em diversas perspectivas, e de acordo com o seu diagnóstico do presente. Para Sérgio Buarque de Holanda o presente se apresenta através da “herança ibérica” que nos foi herdada pela colonização portuguesa e que marca o principal entrave do Brasil a modernidade:

No caso brasileiro, a verdade, por menos seductora que possa parecer alguns de nossos patriotas, é que ainda nos associa á Península Iberica, e a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, *bastante viva para nutrir até hoje uma alma commum*, a despeito de tudo quanto nos separa.⁴⁹

Nesse trecho podemos observar a recusa de Sérgio Buarque ao retorno do passado (raízes ibéricas) apontando que o autor observa o arcaísmo da colonização portuguesa como “tradição bastante viva para nutrir até hoje uma alma commum”, ou seja, a compreensão do

⁴⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto /PUC-RJ, 2006, p. 309.

⁴⁸ NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história. A viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa grande & Senzala e a representação do passado*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 2-3.

⁴⁹ Buarque, Sérgio de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 15. [grifo meu].

passado só é possível para o autor através das circunstâncias do presente, um ajuste das “raízes ibéricas” no presente. Os tópicos que vão guiar a visão de passado de Sérgio Buarque são: o personalismo; a herança rural, e por último o patriarcalismo como junção dos outros dois tópicos. Assim, o passado atualizado no presente está estruturado no capítulo I (Fronteiras da Europa); capítulo II (Trabalho e aventura) e nos capítulos III e IV (Passado agrário) e (Passado agrário, continuação), respectivamente.

Ao tratar do personalismo em “Fronteiras da Europa”, Sérgio Buarque de Holanda contesta a visão de retorno as “raízes” do Brasil, de “recurso ao passado em busca de um estímulo para melhor organização da sociedade”.⁵⁰ Em seguida, ele argumenta que buscar inspiração no passado, a procura de um arquétipo para a sociedade, nem sempre é um recurso legítimo; por fim o tempo da “história mestra da vida” já havia se fatigado, seguindo a percepção moderna de história de Sérgio Buarque “E será legítimo, em todo caso, esse recurso ao passado, em busca de um estímulo para melhor organização da sociedade? Não significa, ao contrário, apenas um índice de nossa incapacidade de criar espontaneamente?”.⁵¹ Sérgio faz uma crítica à fragilidade das formas de associações e de laços de solidariedade, pois segundo o autor, os laços de solidariedade se dão somente no âmbito familiar e ou em círculos restritos, assim como o autoritarismo, são heranças por nós herdadas de Portugal, “hoje a obediência como princípio de disciplina parece uma forma caduca e impraticável, e daí sobretudo a instabilidade constante de nossa vida social”.⁵² O personalismo trata-se de uma concepção particular de Espanha e Portugal e que fora herdada pelos países latino-americanos durante o processo de colonização, por isso o emprego da palavra “fronteira”⁵³ no título do primeiro capítulo. O que predominava na América Latina era a “cultura do personalismo”- por oposição as características da Europa além Pirineus:

A autarquia do indivíduo, a exaltação extrema da personalidade, paixão fundamental e que não tolera compromissos, só pode haver uma alternativa: a negação e a renúncia a essa mesma personalidade em vista de um bem maior. Por isso mesmo rara e difícil, a obediência aparece, por vezes, entre os povos ibéricos, como a virtude suprema entre todas [...] e não é extranhável que essa obediência- obediência cega, e que difere do ideal germânico [...].⁵⁴

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Ibidem, p. 7.

⁵² Ibidem, p. 14.

⁵³ Para um conceito de fronteira nas obras sergianas, Cf. WEGNER, Robert. *A conquista do oeste. A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

⁵⁴ Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 14.

A renúncia em se transformar a face do mundo, por conta do personalismo apesar de ser herança de Portugal, permanecia ativa no Brasil para Sérgio Buarque. Esse conceito de personalismo também nos remete ao segundo capítulo (Trabalho e aventura), onde Sérgio Buarque dá prosseguimento a análise da originalidade brasileira.

Ao tratar da dialética entre a colonização portuguesa (aventureiro) que ignora as fronteiras e vivem em espaços indefinidos, a esse *aventureiro* importa apenas o resultado final de sua empreitada, ou no seja “seu ideal seria colher o fructo sem plantar a arvore”.⁵⁵ Já o conceito de *trabalhador*, ao contrário, tem uma visão restrita, pois se esforça mesmo em uma empreitada lenta, de demorado retorno. Para Sérgio Buarque, existia assim, “uma ethica do trabalho, como existe uma ética da aventura”.⁵⁶ Nessa linha de raciocínio o que interessa destacar é: o amor ao ócio antes que ao negócio, e a renúncia à modificação do mundo (prolongamento do personalismo discutido no primeiro capítulo). O primeiro, “ócio que importa mais que o negócio”, é, um tema recorrente nos trabalhos de Sérgio Buarque⁵⁷, e em Raízes do Brasil ele aparece novamente como forma de perscrutar as raízes ibéricas e o passado colonial brasileiro com vistas a compreender o presente:

Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um hespanhol, que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto os povos protestantes, herdeiros nesse ponto do mundo medieval, que não desprezava o trabalho physico, elevam e exaltam o trabalho manual [...].⁵⁸

Para Sérgio Buarque seria praticamente impossível outro passado que não o ibérico, pois para o autor somente a “plasticidade portuguesa” seria capaz de amoldar-se no território brasileiro. No capítulo III, intitulado *O passado agrário*, Sérgio Buarque descortina já no início do capítulo o real interesse sobre a herança agrária no Brasil:

“O thema em si não interessa no presente estudo, a não ser pelo que esclarece sobre as origens de uma situação cuja influencia se fez sentir vigorosamente no desenvolvimento ulterior da sociedade brasileira, conforme se procurará mostrar nos capítulos seguintes”.⁵⁹

⁵⁵ Ibidem, p. 21.

⁵⁶ Op. Cit, p. 21. Aqui nessa passagem fica claro a referencia de Sérgio Buarque ao trabalho de Max Weber e sua “Ética protestante e o espírito do capitalismo”. Para uma base sobre Max Weber em Raízes do Brasil, Cf. MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.

⁵⁷ Para isso, Cf. WEGNER, Robert. A conquista do oeste e a formação da mentalidade capitalista. IN: IDEM. *A conquista do oeste. A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, pp. 180-205.

⁵⁸ Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 21.

⁵⁹ Ibidem, p. 56.

Ao apresentar o porquê do tema sobre o passado agrário, Sérgio Buarque concede no presente o momento de ruptura entre o passado e o presente. O autor elege um data fixa para isso, o ano de 1888, ano da abolição da escravatura e também o limite entre duas épocas, o “instante mais decisivo em toda a nossa evolução de povo”⁶⁰. É nesse momento que para Sérgio Buarque se começa a operar um sentido modernizador na vida social brasileira, através de um nítido deslocamento de um pólo a outro, ou do agrarismo para a “urbanocracia”. Nesse capítulo III, Sérgio começa a apresentar a transição do passado para o presente no processo de formação do Brasil, ou seja, a nossa modernização. Segundo Reinhart Koselleck a determinação de transição entre uma época e outra é marcada através de evidências:

“Um critério infalível desta mudança temporal está nos seus conceitos de movimento como indicadores da mudança social e política e como elementos linguísticos de formação da consciência da crítica ideológica e da determinação de comportamento”.⁶¹

Esses pares comparativos, entre “agrarismo” e “urbanocracia” iluminam referências entre o arcaico (passado) e o moderno (presente). Para Sérgio Buarque, o grande mito da política de base rural é a “lealdade partidária”, que explicita o apego às facções, como se estas fossem famílias. Isso é reflexo do paternalismo e do personalismo reinante nos latifúndios, o oposto ao que ocorria nas nações “socialmente mais avançadas”. O peso do ruralismo na nossa formação geral e na política em especial é percebido no fato de, no início das funções burocráticas e administrativas do setor público. Assim o atraso brasileiro é decorrente da vida rural, a antítese do moderno:

[...] sempre tivemos o mundo agrário como centro, ou seja, um princípio essencialmente antimoderno. Nada com efeito, mais opostos ao sentido de todo o pensamento econômico oriundo da revolução industrial e orientando pelo emprego progressivo da máquina[...].⁶²

Assim, para Sérgio Buarque o passado agrário da colonização portuguesa e o catolicismo foram decisivos para que o Brasil se torna-se um país atrasado tecnologicamente em relação aos outros. A centralização na produção agrária relegou o Brasil um princípio antimoderno.

Nesses primeiros quatro capítulos temos como base de estudo alguns pontos fundamentais para Sérgio Buarque: a forma de vida ruralista, visão do mundo personalista e a

⁶⁰ Ibidem, p. 43.

⁶¹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto /PUC-RJ, 2006, p. 303

⁶² HOLANDA, Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 52.

família patriarcal. Esses pontos constituem para o autor os traços de presentificação das tradições. Desse ponto em diante, após identificar as raízes da brasilidade, o ensaio passa a tratar da tensão entre o presente e a insinuação de modernização brasileira e posteriormente a ultrapassagem das raízes ibéricas. No centro desses impasses temporais se encontra a maior “contribuição brasileira à *civilização*” o *homem cordial*.

2.2 O *homem cordial*, ser no tempo

Uma análise sobre a temporalidade em *Raízes do Brasil* não poderia deixar de analisar a figura central da obra, o *homem cordial*, pois é nele que se corporifica a síntese do que já fora discutido sobre o passado colonial brasileiro e que aponta para as questões futuras do ensaio buarqueano. Segundo Leopoldo Waizbort o homem cordial é um ser que trespassou toda a história do Brasil:

E assim que, ao olharmos para o conceito de homem cordial, nos deparamos com todo o percurso histórico que vai da formação da cultura ibérica da personalidade até a constituição das instituições políticas do Brasil dos anos 1930.⁶³

O *homem cordial* é para Sérgio Buarque o resultado do passado ibérico no presente vivido, é nele que está concentrado toda a análise dos primeiros quatro capítulos de *Raízes do Brasil*. A metáfora do homem cordial “longe de ser um conceito abstrato, referia-se a um processo histórico, a certa maneira de ser no tempo”, quer dizer, “o contrário dos que interpretaram a figura do homem cordial ou do aventureiro, como expressão de uma categoria sociológica”.⁶⁴ Como exemplo entre a camada do “arcaico” para o “moderno”, e a transição da família patriarcal para cidade, assim nesse conluio temporal entre ordens distintas Sérgio Buarque avalia as relações sociais através da tradição herdada e a modernidade que surgia:

*Ainda hoje persistem, aqui e ali, mesmo nas grandes cidades, algumas dessas famílias “retardatárias”, concentradas em si mesmas e obedientes ao velho ideal que mandava educarem-se os filhos apenas para o círculo doméstico. Mas essas mesmas tendem a desaparecer ante as exigências imperativas das novas condições de vida.*⁶⁵

Isso nos permite elucidar sobre o valor que tinha para Sérgio Buarque os processos de mudança no tempo, que obriga o autor a repensar o passado colonial brasileiro a partir das

⁶³ WAIZBORT, Leopoldo. “Sobre os ‘tipos’ em *Raízes do Brasil*”. *Revista Instituto de estudos brasileiros*. São Paulo, N48, março de 2009.

⁶⁴ DIAS, Maria Odila. L da. *Sérgio Buarque*. São Paulo: Atica. 1985, p. 13.

⁶⁵ HOLANDA, Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 96. [grifo meu].

carências e necessidades do momento presente. No Brasil onde imperou o “typo primitivo de família patriarcal” seria muito provável para Sérgio Buarque que o processo “modernizador” traria “um tremendo desequilíbrio social, *cujos efeitos permanecem vivos até hoje*”.⁶⁶ O *homem cordial* produto da família patriarcal está colocado entre o passado colonial e o presente modernizador, ele sintetiza as persistências do passado, atualizado, e permite olhar adiante a partir das perspectivas atualizadas da contemporaneidade do autor.

3. Superação das raízes ibéricas e abertura para o futuro: dos novos tempos à revolução democrática

Retomando ao trabalho de Reinhart Koselleck e do seu livro *Futuro passado*, temos com categoria meta-histórica o “*horizonte de expectativa*” é o que no presente, volta-se para o futuro, ou seja, que tem como finalidade orientar o presente abrindo caminho para o futuro. Como se fossem presságios ou amarguras apontadas para o que ainda não foi vivido, para experiências que mesmo que ainda não possam ser observadas, já se vislumbram em um futuro próximo.⁶⁷ Ao discorrer sobre o “tempo moderno”, R. Koselleck se utiliza do conceito de modernidade:

Para podermos chegar à experiência de *um novo tempo*, vamos recorrer a uma distinção semântica que já está presente na expressão “tempo moderno”. Esta expressão pode significar ou a simples constatação de que o ‘agora’ é novo, de que o tempo atual se opõe ao tempo passado [...] Nesse sentido se forjou a expressão ‘*modernus*’ que desde então não perdeu o significado de ‘atual’.⁶⁸

O estabelecimento de um tempo determinado exclusivamente pela história também foi resultado desse processo. Koselleck aponta, em vista disso, os critérios históricos da temporalização desse conceito de um novo tempo. Simultaneamente, “o tempo passa a ser não apenas a forma em que todas as histórias se desenrolam; ele próprio adquire uma qualidade histórica. A história, então, passa a realizar-se não apenas no tempo, mas através do

⁶⁶ HOLANDA, Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936, p. 98-99.

⁶⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed Contraponto/PUC-RJ, 2006, p.309-312.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 274. [Grifo do autor].

tempo”.⁶⁹ A experiência da transição, por sua vez coloca duas noções especificamente temporais: “a diferença de qualidade que se espera para o futuro e, associada a isto, a mudança dos ritmos temporais da experiência: a maior rapidez com que o tempo presente se diferencia do passado”. Reinhart Koselleck demonstra nessa linha de raciocínio que, no século XVII, o primeiro conceito a receber o epíteto de moderno foi o da história e o segundo o de tempo. Por consequência, no século seguinte, ainda que existisse a tríade Antiguidade – Idade Média- Idade Moderna não se tenha imposto universalmente, vigorou, no século XVIII, “a consciência de que há três séculos já se vivia em um novo tempo, que não sem ênfase, se distinguiria dos tempos anteriores, inaugurando um novo tempo”.⁷⁰ Outro critério para a temporalização em R. Koselleck é o tempo experimentado como “transição”, momento em que a previdência e a exemplaridade antiga perdem espaço. O tempo como transição altera-se para único e permanente, condição que se convencionou chamar de “modernidade”.⁷¹

O teste para saber desde quando a história do seu próprio tempo passou a ser sentida como nova, no sentido enfático do termo, seria a mudança de denominação de ‘*nostrum aevum*’ [nossa era] para ‘*nova aetas*’ [nova idade], ou do tempo presente, como sempre aparece nos títulos dos livros, para novo tempo.⁷²

Mesmo com todas as ambiguidades e entraves, Sérgio Buarque de Holanda tem, em *Raízes do Brasil*, boas expectativas (talvez ansiedade) com os caminhos da modernização brasileira, principalmente política e cultural. Sérgio Buarque vê em curso certos processos que autorizam certo otimismo. Mas cauteloso, temendo o peso das estruturas do passado arraigadas ainda no presente, alerta para possíveis dificuldades e barreiras capazes de impedir que os “novos tempos” se realizem:

Trouxemos de terras estranhas um systema completo acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam á vida brasileira. Na verdade a ideologia impessoal e anti-natural do liberalismo democratico, com suas maiusculas impressionantes e com suas fórmulas abstractas, jamais se naturalizou entre nós [...] Só assimilamos effectivamente esses principios, até onde elles coincidirem com o nosso horror ás hierarchias, fazendo da democracia no

⁶⁹ Ibidem, p. 288.

⁷⁰ Ibidem, p. 278-282. Sérgio Buarque inclusive se utiliza da expressão “novo(s) tempo(s)” como título do sexto capítulo do seu ensaio. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jose Olympio, 1936, pp. 113-131.

⁷¹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto/PUC-RJ, 2006, p. 288-293.

⁷² Ibidem, p. 277.

Brasil sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semi-feudal importou-a e tratou de acomodá-la como se fosse a sua lei [...].⁷³

Em cena estaria a transição do “iberismo” para o “americanismo”⁷⁴ por meio do solapamento crescente das bases rurais e particularistas da velha ordem e a instauração da vida urbana e pública. O ponto central do capítulo seis intitulado, “*novos tempos*” é o aniquilamento das raízes ibéricas através do novo modelo político que começa a ser proposto através do liberalismo, apesar de que ainda se encontra resistência por parte da antiga família

patriarcal à modernização cultural e política do Brasil. A formação do Estado liberal no Brasil é analisada por Brasil Pinheiro Machado: “O aspecto dramático da história política do Brasil é que o Estado liberal não formou o povo, porque os centros de decisão, em proveito dos próprios privilégios, paralisaram os mecanismos de integração dos direitos de cidadania. E isso se tornou realidade brasileira”.⁷⁵ Este Estado liberal foi uma extensão da família patriarcal vinda das castas rurais que, depois de dividirem as terras, dividiram os cargos políticos.

Sérgio Buarque ancora seu otimismo na transformação que teria se iniciado no final do século XIX e atingido o ponto culminante com o processo “embora que lento” de corrosão da velha ordem do patriarcalismo.⁷⁶ Encontramos desde então na “fase aguda” da subversão do sistema anterior (passado colonial), cujo esteio era o maciço domínio rural e que vem sendo lentamente suplantado pelos centros urbanos.⁷⁷ Subversão que romperia, segundo Sérgio Buarque, a “um só tempo com o agrarismo e com o iberismo”,⁷⁸ termos sinônimos do Brasil colônia. Fica claro nessa passagem de *Raízes do Brasil* o ímpeto da ruptura pela qual experimentava o Brasil no presente:

Ainda testemunhamos presentemente, e por certo continuaremos a testemunhar durante largo tempo, as ressonâncias últimas do lento

⁷³ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jose Olympio, 1936, p. 122.

⁷⁴ Vimos sobre o “americanismo” no primeiro capítulo desse trabalho e como desde a crítica literária na década de 1920, Sérgio Buarque já se utiliza de conceitos que posteriormente se fizeram presente em *Raízes do Brasil*.

⁷⁵ MACHADO, Brasil .P. *Raízes do Brasil – uma releitura*. In: *Revista Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 2, dez., 1976, p. 185.

⁷⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jose Olympio, 1936, p. 125.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 126.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 127.

*cataclisma, cujo sentido parece ser o do aniquilamento das raízes ibéricas da nossa cultura para a inauguração de um estilo novo, que crismamos talvez ilusoriamente de americano, porque seus traços se acentuam com maior rapidez em nosso hemisfério [...] No dia em que o mundo rural se achou desagregado e começou a ceder rapidamente à invasão impiedosa do mundo das cidades, entrou também a decair, para um e outro, todo o ciclo das influências ultramarinas específicas de que foram portadores os portugueses.*⁷⁹

Toda a cultura ibérica, toda a herança rural, toda a nossa formação, o passado e o presente – enfim, nada restará do velho e do atraso após o “cataclisma”. Politicamente, mesmo com o golpe avassalador desferido pela urbanização, ainda sobrevivem sinais da

ordem monárquica, sobretudo nas galas e ostentações que o Estado gosta de expor para amearhar prestígio. Essa é ainda uma herança do Império e também do iberismo português e de cujos traços não conseguimos nos desvencilhar:

A dignidade e a importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, libertam-no da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade. Se nos *dias atuais* o nosso ambiente social *já não permite que essa situação privilegiada se mantenha* e se o prestígio do bacharel é hoje *sobretudo uma reminiscência de certas condições de vida* que já não se reproduzem plenamente [...], o certo é que a maioria, entre nós, ainda pensa nesse particular pouco diversamente dos nossos avós. O que importa salientar aqui é que amor às formas fixas e leis gerais deram a origem da sedução exercida pelas carreiras liberais vinculando-se estreitamente ao nosso apego quase exclusivo aos valores da personalidade. [...] Não é outro, aliás, o motivo da ânsia pelos meios de vida definitivos, que dão segurança e estabilidade, exigindo, ao mesmo tempo, um mínimo de esforço pessoal [...].⁸⁰

Podemos notar nesse trecho de *Raízes do Brasil* que a política tornou-se totalmente artificial, alheia à “nacionalidade nova” e estranha aos interesses do país. Seus detentores se apegam a mudanças de fórmulas escritas ou dos cargos ocupados, dificultando o processo de modernização necessária ao Brasil.

“Nossa revolução” o capítulo VII e derradeiro, apresenta, por fim, as perspectivas com que o autor encerra o ensaio. Nenhuma fórmula pronta, solução definitiva ou endosso a

⁷⁹ Ibidem, p. 127-128 [grifo meu].

⁸⁰ Ibidem, p. 117. [Grifo meu].

algum projeto que pudesse conduzir o Brasil as mudanças necessárias. Segundo Robert Wegner,

Se acompanharmos o último parágrafo de *Raízes do Brasil*, não encontraremos uma conclusão fechada, um programa político sobre o que fazer- como era comum entre os autores do período-, mas que ao fim do livro, o leitor sinta a vertigem de quem percorreu um labirinto em espirais; ou então, de que, entre o virar de uma página e outra, tenha a sensação de ter movimentado um caleidoscópio.⁸¹

O desfecho de *Raízes do Brasil*, nos ajuda a organizar uma tese central ao livro. É possível considerar como tese central do ensaio uma réplica ao desacerto entre o Brasil real e o Brasil legal, personalismo e impessoalidade, herança ibérica e modernização, na medida em que se propõem a uma interpretação que abarca diversas antíteses, até mesmo a antítese temporal entre o passado, o presente, e o futuro como demonstrado nesse trabalho.

Podemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo schemas sábios e de virtude provada, mas ha de restar *um mundo de essencias mais intimas* que, esse, permanecerá sempre intacto, irreduzível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar a nosso proprio rythmo espontaneo, á lei do fluxo e do refluxo, por um compasso mechanico e uma harmonia falsa.⁸²

Está claro que o sentido desse lento cataclisma que está designado no subtítulo “Nossa Revolução” é o aniquilamento das raízes ibéricas (passado) de nossa cultura, seguindo o próprio percurso narrativo de *Raízes do Brasil* e do que pensava Sérgio Buarque já nos anos 1920 quando fazia suas críticas literárias. Em outros momentos ele aponta igualmente para essa questão da aniquilação das raízes: “um grande passo foi dado no sentido do desaparecimento dessas formas que chamamos de tradicionais”⁸³ com a substituição da lavoura açucareira pelo café já na segunda metade dos noventa, e que foi um produto mais “democrático” em relação a *plantation* da região do nordeste brasileiro. Assim, Sérgio Buarque não pretende se “livrar” do passado, mas sim “desembaraçar-se”⁸⁴ dele. Sérgio Buarque propõe um *medium* entre a experiência e a expectativa-, que se encontram

⁸¹ WEGNER, Robert. Um ensaio entre o passado e o futuro. IN: SCHWARCZ, Lilian Moritz (ORG.). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2006, pp. 336-351. (Edição comemorativa dos 70 anos da publicação da primeira edição de *Raízes do Brasil*).

⁸² HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Jose Olympio, 1936, p. 161. [grifo meu].

⁸³ Ibidem. p. 137.

⁸⁴ COSTA, Marcos. *Escritos coligidos. Sérgio Buarque de Holanda (1950-1979)*. São Paulo: Ed. UNESP/ Perseu Abramo, 2011, p. 18. [Publicado originalmente em: Holanda, Sérgio Buarque de. Apologia da história. *Folha da manhã*, São Paulo, 18 julho. 1950].

tencionados no presente do autor. A “Nossa Revolução” foi algo lento e moroso, que perdurou pelo menos três quartos de século:

Os seus pontos culminantes a transmissão da família real portuguesa, a independência política, a abolição e a República, associam-se como acidentes diversos de um mesmo sistema orográfico. Se em capítulo anterior se tentou fixar data de 1888 como o momento talvez mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional, é que a partir dessa data tinha cessado de funcionar os freios tradicionais contra o advento de um novo estado de coisas, que só então se fez inevitável. Apenas nesse sentido é que a abolição representa, em realidade, o marco visível de duas épocas distintas.⁸⁵

Com efeito, a partir dessa data fixa, de 1888, o autor marca as condições necessárias para o estabelecimento de um novo “estado de coisas”. Estava, assim, sendo preparado a nova ordem, uma ruptura embora lenta, decisiva para a “Nossa Revolução”, a mudança do mundo rural para o mundo urbano.

⁸⁵ Ibidem, p. 136.

Conclusão.

“Um clássico é um livro que vem antes dos outros clássicos, mas quem leu antes os outros e depois le aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia”

“É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo”

“É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”⁸⁶

A finalidade desse trabalho foi de abranger a atualidade de um clássico significa torná-lo compreensível para os tempos atuais. É uma das tarefas da história intelectual, segundo François Dosse, considerar a reconstrução de um pensamento na singularidade de seu momento histórico preciso de aparição, mas “sem deixar de lado a mensagem que ele carrega tempo afora até nossa atualidade, o modo como nos fala de nossa

⁸⁶ CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia das letras, 1993, pp. 14-15.

contemporaneidade”.⁸⁷ Revisitar *Raízes do Brasil* em sua temporalidade é revisitar promessas não cumpridas do passado brasileiro. Que futuro sondava para o Brasil Sérgio Buarque de Holanda a partir da interpretação crítica de suas raízes? O futuro para Sérgio Buarque de Holanda era só um, a democracia, não haveria outra forma de governo que não essa. Mas talvez já prevendo a impossibilidade dela ocorrer (*Raízes do Brasil* é lançado em 1936 um ano antes do Golpe do Estado Novo, proferido por Getúlio Vargas) o autor encerra o ensaio de forma aberta, como se houvesse uma “Revolução” a se fazer.

É no sentido da paciência da leitura e compreensão e atualização de seus aspectos particulares que o esforço interpretativo de um clássico, como dizíamos antes, pode trazer poderoso efeito terapêutico contra a ansiedade e brutal afã de aceleração e controle do tempo. Seu antídoto não é entorpecente, no sentido de representar uma simples evasão ou fuga do tempo; antes, instiga a preservar a reflexividade diante da velocidade das transformações na era tecnocrata. Suas reservas íntimas criam resistência para evitar que se estrepe na carona de modismos, assim como, de outro lado, a “fusão de horizontes” evita que se medite sobre o inatual. Retomando Ítalo Calvino, a leitura do clássico é tempo de respirar o ócio humanista, lá onde se ouvem os ecos do universo, lá de onde partem as reflexões.

⁸⁷ DOSSE, F. Da história das ideias à história intelectual. In: *História e Ciências Sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 294.

Fontes e bibliografia.

1. 2 Fontes

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa 70 anos. Orgs. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *O espírito e a Letra: estudos de crítica literária I (1920-1947)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. *O espírito e a Letra: estudos de crítica literária II (1920-1947)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996c.

_____. *Livro dos prefácios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996a, p. 162-218.

_____. O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke [1974]. In: *Livro dos prefácios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996a, p. 162-218.

_____. Corpo e alma do Brasil [1935]. In: MONTEIRO, P.M.; EUGÊNIO, J. K. *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Ed. Unicamp; RJ: Eduerj, 2008.

_____. “Prefácio à segunda edição”. In: *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectivas, 1979.

1.3 Artigos de Sérgio Buarque de Holanda.

HOLANDA, S. B. Originalidade literária [1920]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária: 1920-1947*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. Perspectivas [1925]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária: 1920-1947*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. Romantismo e tradição [1924]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária: 1920-1947*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. Um homem essencial [1924]. In: *O Espírito e a Letra, estudos de crítica literária 1: 1902-1947*. Org. Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. O lado oposto e outros lados [1926]. In: *O Espírito e a Letra, estudos de crítica literária 1: 1902-1947*. Org. Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. Ronald de Carvalho–Estudos brasileiros [1925]. In: *O Espírito e a Letra, estudos de crítica literária 1: 1902-1947*. Org. Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. Ariel [1920]. In: *O Espírito e a Letra: Estudos de crítica literária I: 1920-1947*. Org. Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. Em lugar de qualquer prefácio [1929]. In: COSTA, M (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: Escritos coligidos: livro I, 1920-1949*. São Paulo: Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011.

_____. Depois da Semana [1952]. In: COSTA, M. (Org.) *Por uma nova história: textos de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

de Holanda: Perspectivas. Campinas, SP; Rio de Janeiro: Editora Unicamp, Eduerj, 2008.

_____. O homem-máquina [1921]. In: EUGÊNIO, J. K; MONTEIRO, P. M. *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP; Rio de Janeiro: Editora Unicamp, Eduerj, 2008.

_____. Através da Alemanha [1929]. In: *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. Através da Alemanha II [1929]. In: *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. Através da Alemanha III [1929]. In: *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. Corpo e alma do Brasil [1935]. In: MONTEIRO, P.M.; EUGÊNIO, J. K. *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Ed. Unicamp; RJ: Eduerj, 2008.

_____. O senso do passado [1952]. In: COSTA, M. (Org.) *Por uma nova história: textos de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

1.4 Entrevistas, apontamentos, correspondências.

HOLANDA, S. B. *Sérgio Buarque de Holanda: Entrevistas*. Organização de Renato Martins. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

_____. Modernismo não é escola, é estado de espírito: conversa com Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda [1925]. In: HOLANDA, S. B. *Sérgio Buarque de Holanda: Entrevistas*. Organização de Renato Martins. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

_____. A democracia é difícil [1976]. Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. In: *Sérgio Buarque de Holanda*. Org. Renato Martins. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

_____. “Todo historiador precisa ser um bom escritor” – Entrevista a Richard Graham [1982]. In: *Sérgio Buarque de Holanda: Entrevistas*. Organização de Renato Martins. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

HOLANDA, M. A. *Apontamentos para a cronologia de S.* [1979]. Coleção Especial SBH – Biblioteca Central/Unicamp.

HOLANDA, M. A. Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda [1979]. In: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil* – edição comemorativa 70 anos. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

1.5 Bibliografia.

- BARBOSA, F.A. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- _____. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual. In: Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo: Sec. da Cultura, USP, IEB, 1988, p. 27-54.
- CORDEIRO, Rogério (ORG.). *Crítica literária brasileira em perspectiva*. São Paulo: Ateliê editorial, 2013.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, A. Sérgio em Berlim e depois – introdução. In: HOLANDA, S. B. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1989, pp. 119-129.
- _____. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CROCE, B. *História como história da liberdade*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.
- DIAS, M.O.L.S. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: HOLANDA, S.B. Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Ática, 1985.
- DOSSE, F. Da história das ideias à história intelectual. In: *História e Ciências Sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-RJ/Contraponto, 2006.
- MACHADO, B.P. *Raízes do Brasil: uma releitura*. In: EUGÊNIO, J. K.; MONTEIRO, P. M. (Orgs.) *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Ed. Unicamp; RJ: Eduerj, 2008.
- MONTEIRO, P. *A queda do aventureiro: aventura cordialidade e novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999.
- MORAES, E. J. Modernismo revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, p. 220-238.

NICOLAZZI, F. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa grande e senzala e a representação do passado*. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. *Ordem do tempo e escrita da história: considerações sobre o ensaio histórico no Brasil*. Mimeo, 2008.

WAIZBORT, L. O mal-entendido da democracia – Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, n. 76, jul. 2011, p. 41-62.

WEGNER, R. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. Um ensaio entre o passado e o futuro. In: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa 70 anos. Orgs. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.